

RESTRICÇÕES MÉTRICAS DA LÍNGUA TETUN NO PORTUGUÊS FALADO EM TIMOR-LESTE: O ACENTO E A VARIAÇÃO

Davi Borges de Albuquerque – Universidade de Brasília (UnB)

1 Introdução

A *República Democrática de Timor-Leste* conquistou sua independência em 2002, após uma invasão indonésia que durou cerca de 24 anos (1975-1999). A ilha de Timor, localizada no extremo sudeste asiático, fica próxima à Indonésia, Austrália e ilhas do Pacífico (Mapa.1), foi colonizada em sua parte leste por portugueses, desde o século XVI.

Na recente constituição do país, o português e o Tetun são línguas oficiais, juntamente com o inglês e o indonésio, que são línguas de trabalho, de acordo com o mesmo documento. A língua Tetun (grafias alternativas *Tétum*, *Tetum*, *Teto*) é uma das 16 línguas nativas de Timor-Leste, sendo ela de origem austronésia e, no plano sociolinguístico, é a língua mais importante do país pelo fato de possuir o maior número de falantes e funcionar como língua franca entre os diferentes grupos etnolinguísticos da ilha desde um período anterior à chegada do colonizador português.

Mapa 1.
Timor Leste e suas fronteiras



(Fonte: http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/east_timor_pol_03.pdf)

O Tetun vem se destacando no cenário acadêmico mundial pela sua importância política, como língua oficial de Timor-Leste. Por esse fator, há uma série de estudos linguísticos, incluindo diversas descrições gramaticais e dicionários. Destacam-se as gramáticas mais recentes da língua: Hull e Eccles (2001), Williams-van Klinken, Hajek e Nordlinger (2002) e Albuquerque (2011c), sendo estes ora consultados para a elaboração da análise que será apresentada aqui¹, em (2).

De maneira distinta, o status da língua portuguesa não vem despertando interesse de estudos, existindo somente algumas exceções. Há poucos trabalhos que versam sobre a variedade do português de Timor-Leste, ou simplesmente Português de Timor-Leste (doravante PTL), e, quando existem, os estudos se concentram em problemas político-educacionais, deixando a análise linguística para um segundo plano. Somente nos últimos anos é que algumas contribuições foram feitas, entre elas é possível citar os artigos de Carvalho (2001; 2002/2003), que se dedicou ao estudo do léxico do PTL, pesquisando a antroponímica leste-timorense e elaborando um *corpus* em que a autora baseou várias de suas conclusões, e Albuquerque (2010, 2011a, 2011b), que realizou estudos tanto no nível fonológico como no nível lexical do PTL.

O presente artigo analisará o acento em Tetun² de acordo com a teoria métrica, em (2), para, em seguida, apresentar evidências linguísticas de que o padrão métrico do Tetun está sendo transferido pelos falantes desta e de outras línguas nativas leste-timorenses ao português, conforme será estudado em (3), quando os falantes aprendem essa língua, principalmente nas escolas, já que a língua portuguesa possui um caráter de L2 no ambiente multilíngue leste-timorense.

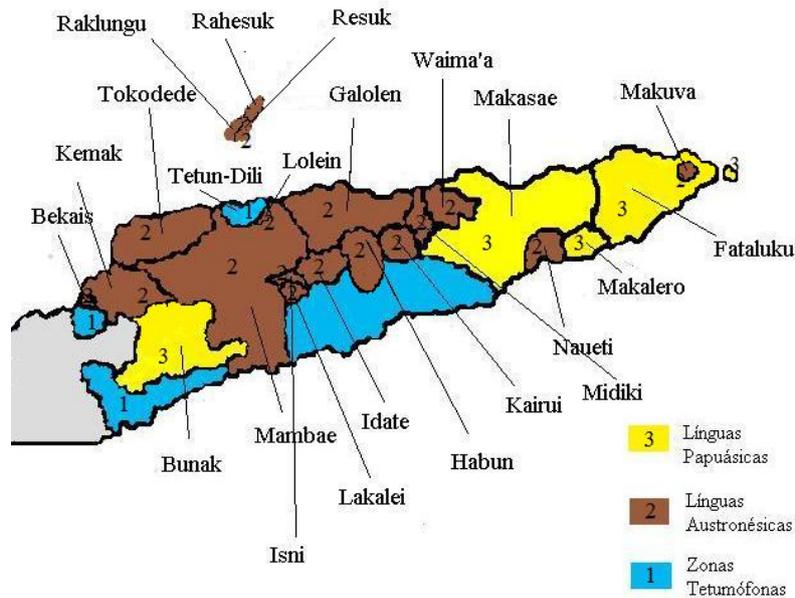
2 O acento em Tetun: problemas de análise

As línguas nativas leste-timorenses são cerca de 16 (Mapa.2), que até a atualidade permanecem pouco estudadas. Por este e outros motivos é que se optou por focar a presente análise na língua Tetun, outros motivos que podem ser mencionados são: a língua Tetun é a língua oficial de Timor-Leste, a língua franca da região e a língua com mais falantes, ainda é a que possui o maior número de estudos linguísticos. Portanto pouco se sabe sobre padrões acentuais nas demais línguas nativas.

Mapa 2.
Timor Leste e a distribuição das línguas nativas pelo seu território

¹ Fez-se uso destes materiais apenas em alguns casos, que serão devidamente citados, já que os dados linguísticos principais em que foram baseadas as análises presentes neste artigo, tanto para o Tetun quanto para a variedade do português de Timor-Leste, foram coletados pelo autor em pesquisa de campo, durante os anos de 2008 e 2009.

² Neste artigo foi considerada para a análise somente a variedade da língua Tetun conhecida como Tetun Prasa (grafias alternativas *Tétum-Praça*, *Tetum Praça*), que é a língua franca e língua oficial do país. O Tetun possui duas variedades principais, a saber: Tetun Prasa e Tetun Terik, que são distintas uma das outras a ponto de não haver inteligibilidade entre os falantes somente de uma delas. Assim, certas conclusões que se aplicam ao Tetun Prasa podem não se aplicar ao Tetun Terik.



(Fonte: Albuquerque, 2011a, adaptado)

O presente autor ao coletar dados de algumas delas, principalmente o Galolen e o Manbae, afirma inicialmente que o Galolen possui um padrão acentual idêntico ao Tetun, conforme será analisado adiante, enquanto o Manbae apresenta o acento predominante na penúltima sílaba, porém o sistema do Manbae é sensível ao peso silábico, com a sílaba final pesada sendo acentuada, como pode ser visto em (1) e (2) respectivamente:

1. Galolen (distrito de Manatuto)

- [ɣ̌ ga. ɣ̌ u] ‘1sg.suj’
- [ɣ̌ g ɣ̌ . ɣ̌] ‘2sg.suj’
- [ɣ̌ k ɣ̌ . nan] ‘porta’
- [ka. ɣ̌ fe.e] ‘café’
- [ɣ̌ bla.h ɣ̌] ‘rato’
- [ɣ̌ hu.hun] ‘montanha’

2. Manbae (região central de Timor-Leste)

- [ɣ̌ a.p ɣ̌ i] ‘fogo’
- [ɣ̌ k ɣ̌ . ɣ̌ e] ‘bom, bem’
- [ɣ̌ k ɣ̌ . r ɣ̌] ‘pescoço’
- [t ɣ̌ . ɣ̌ t ɣ̌] ‘falar’
- [s ɣ̌ . ɣ̌ h ɣ̌] ‘gostar’
- [sa. ɣ̌ gul] ‘dez’

A língua Tetun nunca apresentou dificuldades aos estudiosos em relação ao seu padrão acentual e silábico. Na tradição gramatical da língua, que de certa forma se iniciou no final do século XIX, com o dicionário de Silva (1889), que apresenta em sua

introdução uma breve análise da língua, sempre se considerou o padrão acentual do Tetun como caindo na penúltima sílaba:

3. /ɛ̃ma.tan/ ‘olho’
/ɛ̃u.ma/ ‘casa’
/ɛ̃e.ma/ ‘pessoa’
/ha.ɛ̃mu.tuk/ ‘juntos’
/ɛ̃ma.ne/ ‘homem’
/ɛ̃a.man/ ‘pai’

Já para as exceções a este padrão acentual eram oferecidas explicações de natureza histórica ou de contato, as unidades lexicais com acento distinto eram explicadas em função de retenções da protolíngua ou como empréstimos linguísticos, sendo a maioria destes de origem portuguesa, assim nenhum autor ofereceu uma argumentação no nível fonológico para explicar os demais acentos existentes na língua em menor frequência:

4. /se.ɛ̃no.o/ ‘senhor’ (< Português)
/ge.ɛ̃la.as/ ‘vidro, copo’ (< inglês *glass*, via *bahasa indonesia*³ *gelas*)
/da.ɛ̃pu.u/ ‘cozinha’ (< malaio *dapur* ‘fogão’)
/ka.ɛ̃ba.as/ ‘ombro’ (< PAN⁴ *qabaRa*, queda do segmento R)
/na.ɛ̃na.al/ ‘língua’ (< PMP *dilaq*, queda do uvular q e outras mudanças)

Certos problemas para análise surgiram ao se considerar o padrão silábico e a duração vocálica em Tetun, que em alguns casos geram variação linguística e alteração no acento. Abaixo ambos serão abordados brevemente e como foram tratados nas gramáticas existentes da língua.

Sobre o padrão silábico tetumófono, na gramática de Hull e Eccles (2001), há uma ampla análise fonológica da língua, porém quase nada é contemplado a respeito do tema, com a única informação descritiva pertinente para a análise é a tendência de os falantes desfazerem certos compostos CCV:

5. /nam.ɛ̃le.le/ ~ [na.ma.ɛ̃le.le] ‘flutuar’
/nak.ɛ̃de.dar/ ~ [na.ka.ɛ̃de.dar] ‘tremar’
/ɛ̃kbi.it/ ~ [ki.ɛ̃bi.it] ‘força, poder’

³ *Bahasa indonesia* é o nome da língua oficial da Indonésia, que se trata de uma variedade do malaio, porém elevada ao status de língua nacional no processo de independência do país. Sobre a influência da Indonésia em Timor-Leste, ver o início da seção (3).

⁴ As siglas PAN e PMP significam respectivamente ‘Proto Austronésio’ e ‘Proto Malaio Polinésio’.

Já a gramática de Williams-van Klinken, Hajek e Nordlinger (2002), apesar de possuir uma seção curta dedicada à fonologia, esclarece que a fonotática do Tetun aceita uma série de conjuntos silábicos com base em (C) (C) (V) (C) por possuir uma série de empréstimos lusófonos e malaios, e analisa também o fenômeno da anaptixe (*svarabhakti* ou *suarabácti*) em sílabas compostas no padrão CCV.

Albuquerque (2011c) dedica uma seção inteira ao estudo do padrão silábico em Tetun, identificado como é a sílaba em Tetun e quais sequências silábicas são mais comuns. Ainda, considera o fenômeno da anaptixe ligado a outros fenômenos, como epêntese e síncope, sendo uma forma do falante adaptar as unidades lexicais ao padrão acentual métrico da língua, que será descrito posteriormente:

6. * /a.ni.ɤmal/ > /a.ni.ma.al/ ‘animal’
* /se.ɤnor/ > /se.ɤno.o/ ‘senhor’
* /na.ɤnal/ > /na.ɤna.al/ ‘língua’

Em relação à duração vocálica em Tetun, o problema é maior e os autores apresentam diferentes análises. Hull e Eccles (2001) postulam a existência de vogais curtas e longas, sendo a maioria destas de origem estrangeira (do malaio ou do português, como se afirmou anteriormente) e as de origem nativa tratam-se de vogais geminadas no processo de mudança linguística:

7. PMP (Proto Malaio Polinésio) *zaqat > aat ‘mal’
*bahi > *fai > feen ‘esposa’
8. PAN (Proto Austronésio) *Zahuq > *dauk > dook ‘longe’
*buSek > *fuek > fuuk ‘cabelo’

Ainda, estas vogais estão localizadas em sílabas diferentes, já que segundo os autores há algumas variedades do Tetun que as separam com a oclusiva glotal [ʔ]: [ɤa.ʔat], [ɤfe.ʔen] e [ɤdo.ʔk].

Williams-van Klinken, Hajek e Nordlinger (2002) apresentam uma proposta de análise diferente da duração vocálica. Eles afirmam que a duração vocálica está ligada com a acentuação: sílabas acentuadas possuem vogais longas, enquanto as sílabas não acentuadas vogais breves. Os autores acabam por não solucionar o problema, já que afirmam que o tema precisa ser melhor pesquisado pelo fato de existirem alguns pares mínimos entre vogais breves e longas:

9. /sa/ ‘chá’ : /s̺sa.a/ ~ [s̺sa:] ‘quem’
/s̺ha.re/ ‘arroz’ : /ha.s̺re.e/ ~ [ha.s̺re:] ‘ver’
/s̺ka.bas/ ‘algodão’ : /ka.s̺ba.as/ ~ [ka.s̺ba:s] ‘ombro’

Albuquerque (2011c) afirma que não existem vogais breves e longas com valor fonológico em Tetun. Elas aparecem somente como variação linguística influenciada pela língua materna dos falantes (alguma outra língua nativa de Timor-Leste, diferente da língua Tetun) e pelo ambiente fonológico das vogais geminadas. A proposta de análise do autor é tratar fonologicamente essas vogais como duas vogais em sílabas diferentes, que podem ser realizadas de maneiras distintas: como vogal longa, como uma vogal apenas, como duas vogais e com a segunda vogal pré-glotalizada:

10. /ka.s̺pa.as/ ~ [ka.s̺pa:s] ‘bonito’
/s̺bo.ot/ ~ [s̺bot] ~ [s̺bo:t] ‘grande’
/na.s̺na.al/ ~ [na.s̺na:l] ‘língua’
/s̺fa.an/ ~ [s̺fa:n] ~ [fa.ɲan] ‘vender’

Antes de ser iniciada a análise do acento em Tetun, de acordo com a fonologia métrica, serão comentados brevemente alguns conceitos básicos e o desenvolvimento desta teoria fonológica.

Segundo Goldsmith (1990, p. 169), a teoria métrica se baseia em dois formalismos principais, os que se utilizam das árvores métricas e das grades métricas. Ainda, vale enfatizar que as duas perspectivas são similares e, de certa forma, já estavam presentes nos trabalhos iniciais da teoria da fonologia métrica em Liberman e Prince (1977), Liberman (1979) e Hayes (1980).

O modelo das grades métricas foi, posteriormente, desenvolvido por Halle e Vergnaud (1987), assim além das informações relacionais do acento com a sílaba, passaram a ser considerados importantes também o ritmo e os limites dos constituintes, aqueles passaram a ser expressos por asteriscos e estes por parênteses. Segue um exemplo extraído de Collischonn (1996, p.126):

- 11.
- | | | | | | | | |
|-----|----|----|----|---------|---------|---|---------|
| (| | * |) | linha 2 | | | |
| (| * | . | * |) | linha 1 | | |
| (| * | * | (| * | * |) | linha 0 |
| bor | bo | le | ta | | | | |

Na *linha 0* são indicados com asterisco cada elemento dos constituintes, também chamada de *linha da mora*, ou *linha da sílaba*. Na *linha 1* apenas o núcleo, ou cabeça, dos constituintes recebem o asterisco, esta é a *linha do pé métrico*. Por último, na *linha*

2 (*linha da palavra*), apenas o núcleo de toda a sequência é marcado. Ainda, pode-se acrescentar uma *linha 3* com unidades maiores (palavras, orações, períodos) e atribuir o acento a unidade maior inteira.

As principais vantagens na abordagem da fonologia métrica para o estudo do acento são: o acento é analisado de maneira diferente das demais características fonológicas; é fundamental, ao se estudar o acento, considerar unidades maiores, como o pé; as duas características mais importantes que determinam padrões silábicos são o ritmo e sensibilidade ao peso silábico ou rítmico; as representações do acento são hierárquicas (Goldsmith, 1990, p.170).

Basicamente, três regras principais da fonologia métrica são aplicados ao se construir as grades métricas, são elas: a *regra do fim* (ing. *End Rule*, ou *ER*), que aplica uma marca à extrema esquerda (*ER* inicial) ou extrema direita (*ER* final) do domínio; a *regra da grade perfeita* consiste em formar pés presos na representação métrica para tentar reduzir ao máximo a *extrametricidade*, neste caso as duas possibilidades são *peak first*, quando é marcado o primeiro elemento do constituinte, ou *trough first*, quando é marcado o segundo; a terceira regra é a do *sistemas sensíveis ao peso*, neste caso é reconhecer se as sílabas pesadas acabam por afetar a elaboração da grade métrica e, conseqüentemente, o acento nas línguas sensíveis a peso silábico (Goldsmith, 1990, p.193).

Finalmente, Hayes (1980, 1982) desenvolveu outros conceitos da fonologia métrica que são muito usados e que são necessários ao se analisar o padrão acentual do português e do Tetun. O primeiro deles é o da *extrametricidade*, citado anteriormente, que serve para explicar acentos que recaem de maneira divergente do padrão acentual previsto, assim considera-se um elemento da unidade lexical como extramétrico, ou seja, como na margem de seu constituinte e, desta maneira, não é incluído na marcação do ritmo pelo asterisco. Seguem alguns exemplos do português, seguindo a análise de Bisol (1992), extraídos de Collischonn (1996, p.145), onde os elementos extramétricos são a última sílaba e a coda silábica, o que faz com que o acento fique na antepenúltima e penúltima sílaba respectivamente:

- 12. fós fo <ro>
(* .)
- ár vo <re>
(* .)
- ú ti <l>
(* .)
- lá pi <s>
(* .)

Outra mudança inserida por Hayes foi a elaboração das grades métricas onde o peso silábico é uma característica do constituinte. Assim, o autor fez uma redução teórica eficaz para a análise, prevendo três padrões acentuais principais nomeados pelo seu pé: o *troqueu silábico*, o *troqueu mórico* e o *iambo*. O *troqueu silábico* é insensível ao peso

silábico e com núcleo do constituinte à esquerda. O *troqueu mórico* é sensível ao peso silábico e possui seu núcleo à esquerda, enquanto o *iambo* possui seu núcleo à direita.

Aplicando a teoria da fonologia métrica ao Tetun, levando em conta o padrão acentual recorrente na penúltima sílaba, é possível identificar a seguinte regra: o domínio dos constituintes é binário com núcleo à esquerda (*troqueu silábico*), sendo aplicado da direita para a esquerda. Em outras palavras, o acento em Tetun é caracterizado pela grade perfeita sendo montada na *linha 1, linha do pé métrico*, em constituintes binários e atribuindo-se o núcleo no padrão *peak-first* (à direita do constituinte):

13. Dissílabos:

/ɛ̃ la.ran/ ‘dentro’

(* .)

/ɛ̃ o.an/ ‘filho, cria’

(* .)

/ɛ̃ fa.tuk/ ‘pedra’

(* .)

14. Trissílabos:

/ha.ɛ̃ ka.rak/ ‘querer’

(* .)

/lo.ɛ̃ kra.ik/ ‘tarde’

(* .)

Como a regra acentual do Tetun, apontada anteriormente, é regida por constituintes binários com o núcleo à esquerda, as unidades lexicais trissílabas podem causar algum problema. Porém, não o fazem. Estende-se a regra somente para o seguinte: quando o constituinte binário, formado por dois pés, é seguido por um pé não preso (ing. *non-branching foot*) este é deletado, conforme os exemplos em (14).

Digno de nota é que essa regra acentual métrica elaborada para o Tetun acaba por solucionar também os problemas em relação às vogais longas e ao padrão silábico, citados anteriormente. Sobre as vogais longas, além de existirem somente um número reduzidíssimo de pares mínimos que não são suficientes para provar a existência delas, o sistema acentual descrito acima explica as sílabas de padrão CV.CV com as respectivas vogais médias distribuídas nas duas sílabas, ou seja, no constituinte, como existente nos exemplos (6). Sendo que a análise que aceita a presença de outras configurações silábicas ou de vogais longas, acabam por não as explicar metricamente.

Em relação aos polissílabos surge um desafio para análise, este, contudo, pode ser resolvido aplicando-se duas regras distintas, que seguem às já apontadas acima. Unidades lexicais com mais de três sílabas em Tetun tendem a apresentar um acento secundário e uma variação linguística no nível fonético-fonológico, conforme os exemplos em (15):

15. Polissílabos:

/le.ki.ʔra.uk/ ‘macaco’	>	[le.ʔḳa.uk]
(* .)(* .)		(* .)
*		
/ba.in.ʔhi.ra/ ‘quando’	>	[bai.ʔni.a]
(* .)(* .)		(* .)
*		
/lo.ro.ʔlo.ron/ ‘todo dia’	>	[lo.ʔlo.on] ⁵
(* .)(* .)		(* .)
*		
/sa.bu.ʔra.ka/ ‘laranja’	>	[sa.ʔḅa.ka]
(* .)(* .)		(* .)
*		

Assim, a regra do acento para a variação linguística nada mais é do que a redução fonética do elemento periférico do constituinte à direita, transformando a unidade lexical em um trissílabo, onde se aplicam as regras métricas do acento já postuladas. Desta maneira, pode-se afirmar também que os falantes possuem certa relutância, e não se adaptam a lexemas com mais de três sílabas e com acento secundário, já que ao reduzir o número de sílabas, cai o acento secundário.

A regra do acento secundário em Tetun, conforme exposto nos exemplos acima, não possui nenhum tipo de especificação, ou determinação no nível da morfologia. Apenas se preserva o acento primário de ciclo interno como acento secundário do constituinte à esquerda.

3 As restrições métricas no PTL

Pode-se afirmar que a língua portuguesa passou a ser utilizada na ilha de Timor juntamente com a chegada dos colonizadores portugueses, no século XVI, que já haviam se estabelecido em outras regiões próximas a ilha: Goa, Sri Lanka (Ceilão), Malaca e Macau. Porém, o número de portugueses em Timor, segundo documentações do período da administração portuguesa, ficou estabilizado em cerca de menos de cem até meados do século XIX, segundo pode ser constatado em Sá (1961) e Boxer (1947), sendo a maioria padres católicos responsáveis pela catequização e ensino dos timorenses nativos.

Em relação ao ensino, a política linguística da coroa portuguesa para o chamado *Timor Português*, até meados do século XIX, era ensinar a língua portuguesa apenas aos cidadãos importantes; timorenses que tinham qualquer influência sobre as suas aldeias: reis, príncipes, sacerdotes e outras pessoas com origens nobres (Hajek, 2000). A administração das colônias durante esse período, desde o século XVI ao XIX, mudou

⁵ Neste exemplo se aplicam também as regras da reduplicação em Tetun, que foram analisadas por Albuquerque (2011c), Esperança (2001) e Avram (2008). É possível afirmar que na reduplicação tetumófona o constituinte à esquerda é formado apenas por duas moras, assim se aceita somente uma sílaba pesada ($\mu\mu$), ou duas sílabas leves ($\mu + \mu$).

constantemente entre Goa, Malaca e Macau. Assim, no processo de comunicação entre cidadãos de Portugal, Goa, Malaca e Macau, em conjunto com Timor foram utilizadas várias línguas diferentes, como Crioulo Português de Malaca, Crioulo Português de Macau, a língua Tetun e o Crioulo Português de Bidau (variedade crioula falada na periferia de Dili, capital de Timor-Leste, no bairro homônimo), enquanto o Português Europeu era raramente utilizado.

Em Thomaz (2002), há dados úteis que informam a respeito do processo de escolarização em Timor, que se modificou no início do século XX para tentar acabar com o analfabetismo, incentivando a população a ingressar no grande número de colégios que começaram a ser inaugurados na época. No entanto, esse processo iniciado no século XX foi rapidamente interrompido pela invasão japonesa, que ocorreu de 1942 a 1945, e, posteriormente, pela invasão indonésia, que se estendeu de 1975 até 1999.

Atualmente, após a independência de Timor-Leste, em 2002, a situação do sistema educacional e da língua portuguesa são delicadas, principalmente porque não existem alternativas para resolver os problemas rapidamente. Entre os principais desafios estão: grande parcela da população falante de *bahasa indonesia* (língua oficial da indonésia, que foi imposta à população durante a dominação); há poucos professores que possuem formação universitária; a quantidade de professores de português e de material didático disponível para o ensino da língua é mínima; a atuação de entidades internacionais de origem anglófona, que possuem interesses em implantar o inglês em detrimento do português, em território leste-timorense é intensa.

A respeito da fonologia do PTL quase nada foi dito até a atualidade. O primeiro trabalho que se tem registro é de Brito e Corte-Real (2002), seguido por Albuquerque (2010). Não será considerado aqui o trabalho de Brito e Corte-Real (2002), já que as variações existentes no nível fonético-fonológico na fala dos leste-timorenses são tratadas pelos autores como ‘erros’ e/ou ‘dificuldades’ na aprendizagem. De maneira distinta, Albuquerque (2010) apresenta evidências fonéticas e prosódicas de que as mudanças efetuadas pelos falantes leste-timorenses de português são marcas da variedade da língua portuguesa falada no país, sendo chamada aqui de PTL (Português de Timor Leste).

Para a análise do acento em português far-se-á uso da síntese teórica presente em Collischonn (1996) e das análises métricas de Bisol (1992) e Lee (1994). Os dados do português padrão serão mencionados somente quando necessários a nível de contraste com os dados linguísticos do PTL coletados e apresentados nesta seção.

As mudanças efetuadas pelo falante do PTL na sílaba e acento do português podem ser divididas em dois grandes grupos: um que retira segmentos da unidade lexical, outro que acrescenta. Estes dois grupos serão analisados a seguir de acordo com a ordem que foram mencionados.

A sílaba do PTL é reduzida pelos falantes que se utilizam de diversas operações linguísticas. A primeira delas é a mais comum e trata-se do apagamento da penúltima sílaba das proparoxítonas para transformá-las em paroxítonas, como em (16), sendo este fenômeno comum em outras variedades da língua portuguesa, inclusive o Português do Brasil:

16. xícara > [ʃi.kʰa]

Ainda, nos dados linguísticos do PTL observou-se que o fenômeno do apagamento silábico é aplicado às demais sílabas, como em (17) para a última sílaba e os exemplos em (18) destacam-se por apresentar apagamento em mais de uma sílaba:

17. cômico > [ʃko.mik], hipótese > [i.ʃpʰ.tɛz], benção > [ben.san]

18. alumínio > [al.ʃmi.nu], helicóptero > [e.li.ʃkʰ.tʰu]

Outros dados linguísticos de destaque do PTL são aqueles que revelam que o apagamento da penúltima sílaba se apresenta muito mais produtivo do que nas demais variedades da língua:

19. pároco > [ʃpa.ku]

depósito > [de.ʃpʰ.z.tu]

alfândega > [al.ʃfan.ga]

anêmico > [a.ʃnem.ku] ~ [a.ʃne.mik]

diálogo > [di.ʃal.gu]

eletrônico > [e.le.ʃtʰon.ku] ~ [e.le.ʃtʰo.nik]

fotocópia [fo.to.ʃkʰ.pi]

Não é possível elaborar uma regra que possa prever tais apagamentos em PTL, para isso seria necessário uma grande quantidade de dados, assim como um estudo exaustivo desse fenômeno linguístico, o que foge do escopo do presente artigo. Porém, certas regularidades são observadas. A primeira delas é que o falante do PTL tende a manter o padrão acentual de sua L1, no caso o Tetun, e transfere esse padrão ao português, fazendo a mesma operação de apagamento silábico para manter o acento das proparoxítonas na penúltima sílaba. A segunda regularidade é que se apaga a sílaba de padrão CV mais fraca do constituinte binário, e o segmento que sobra é transferido para a sílaba núcleo, ou para a cabeça do constituinte.

Segundo a regra de Lee (1994), as proparoxítonas são exceções que possuem uma regra própria com constituinte binário com cabeça à esquerda, sendo aplicado da direita para a esquerda e como domínio o radical, assim temos em (20):

20. pároc<o>

(x .)

depósit<o>

(x .)

alfândeg<a>

(x .)

anêmic<o>

(x .)

diálogo<o>
(x .)
eletrônico<o>
(x .)

De acordo com o padrão acentual proposto por Lee (1994) para as proparoxítonas portuguesas, percebe-se que a sílaba apagada no PTL é sempre a do constituinte à direita, não cabeça.

Ainda, seguindo a mesma regra de padrão acentual, pode-se explicar apagamentos da última sílaba, como em (17), como o último segmento, segmento extramétrico, sendo desconsiderado pelo falante. Este também é um padrão comum tanto na língua Tetun como em outras línguas nativas leste-timorenses, pois consiste em um padrão de apagamento que segue o *bahasa indonesia*, seguem exemplos de empréstimos em Tetun (Tt.) e em *bahasa indonesia* (BI) que possuem correlatos em português (Pt.)⁶:

21. Pt. definição, Tt. definisaun, BI definisi; Pt. comunicação, Tt. komunikasaun, BI komunikasi; Pt. constituição, Tt. konstituisaun, BI konstitusi; Pt. declaração, Tt. deklarasaun, BI deklarasi; Pt. plantação, Tt. plantasaun, BI plantasi; Pt. população, Tt. populasaun, BI populasi; Pt. conferência, Tt. konferénsia, BI konferensi; Pt. correspondência, Tt. korrespondénsia, BI korespondensi; Pt. província, Tt. provínsia, BI propinsi.

No PTL, porém, esse apagamento do segmento extramétrico somente é realizado quando o acento não cai na penúltima sílaba, como em exemplos já citados: cômico > [ʃko.mik], anêmico > [a.ʃne.mik], eletrônico > [e.le.ʃtʃo.nik] e fotocópia [fo.to.ʃkɔ.pi].

Outras reduções silábicas e segmentais que ocorrem no PTL não visam a adequação métrica do padrão acentual do Tetun ao português, mas pretendem desfazer sílabas pesadas ou reduzir o número de sílabas a fim de evitar a presença de polissílabos e acentos secundários:

22. alicate > [al.ka.ti]
chocolate > [ʃo.ʃkla.te]
telefone > [ʃtel.fon]
chave de fenda > [xa.ʃfen.da]
23. compreender > [kum.ʃpɔen.de]
fecho-ecler > [feʃ.ku.ʃlɔ.ɔ] ~ [fes.ku.ʃle.ɔu]

⁶ Vale lembrar que a principal fonte de empréstimos do Tetun foi a língua portuguesa, enquanto do *bahasa indonesia* foi a língua inglesa.

Em (22), encontram-se exemplos de apagamentos silábicos, e até do composto *chave de fenda*, para reduzir os polissílabos, transformando-os em trissílabos, mesmo que formem sílabas pesadas, como em *chocolate* e *telefone*. Já em (23), ocorre o inverso, as unidades lexicais foram adaptadas para evitar a formação de sílabas pesadas, porém adaptando ao mesmo tempo para o padrão silábico caindo na penúltima sílaba.

Finalmente, nos verbos do PTL ocorre a redução final da marca do infinitivo *-r*, somada a mudança no padrão acentual para a penúltima sílaba, conforme vem sendo analisado. Isso faz com que o infinitivo seja realizado foneticamente igual à 3ª pessoa do singular no tempo presente e, às vezes, com o nome de conteúdo semântico igual ao verbo.

A perda do *-r* que marca infinitivo é comum em muitas variedades portuguesas, sendo marca também de variedades crioulas do português. Assim exemplos como em (24) não são exclusivos do PTL:

24. correr > corre [ʃkɔ.ɐ] e
fumar > fuma [ʃfu.ma]
casar > casa [ʃka.za] ~ [ka.ʃza.aɐ]
dormir > dormi [ʃdɔ.mi]
dever > deve [ʃdɐ.ve] ~ [de.ʃve.eɐ]
carregar > carrega [ka.ʃɐ.ga]

Dessa maneira, para ser iniciada a análise de operações linguísticas que inserem segmentos, partir-se-á dos dados apresentados em (24). Ao mesmo tempo, há verbos que apresentam variação que retira segmentos e que insere. Conforme foi dito acima, ao se retirar o *-r* que marca o infinitivo pode ocorrer homonímias desnecessárias, como em *casar* [ʃka.za], que pode ser entendido como ‘infinitivo, 3ª pessoa do singular do tempo presente, lugar de domicílio’, assim o falante leste-timorense acaba por alongar a vogal final e realizando-a em sílabas diferentes, modificando a posição do acento e realizando o *-r* do infinitivo [ka.ʃza.aɐ]. Da mesma forma, essa análise aplica-se a várias outras unidades lexicais, como *dever* [ʃdɐ.ve] ~ [de.ʃve.eɐ].

Outro caso de inserção de segmentos na sílaba PTL é de palavras oxítonas. Nestas palavras, principalmente terminadas em *-or* ou *-al*, a vogal da sílaba acentuada é repetida, criando uma sílaba a mais, já que há a presença de duas vogais iguais. Digno de nota é que nas palavras lusófonas terminadas em *-al* ocorre o mesmo procedimento das palavras tetumófonas também terminadas em *-al*, como *nanal* ‘língua’, em (25):

25. eleitoral > [e.lei.to.ɐ.a.al]
distrital > [dis.tɔi.ɐ.ta.al]
animal > [a.ni.ɐ.ma.al]

26. doutor > [do.ɐ̃t.ɔ.ɔ̃]
eleitor > [e.lei.ɐ̃t.ɔ.ɔ̃]
diretor > [di.re.ɐ̃t.ɔ.ɔ̃]
senhor > [se.ɐ̃n.ɔ.ɔ̃]

O processo que ocorre nos exemplos acima, (25) e (26), também pode ser explicado pela fonologia métrica. Em português, essas palavras possuem a cabeça na última sílaba, seguindo regra de acentuação não marcada para os não verbos, que possui como domínio o radical e a cabeça à direita, como em (27):

27. animal
(. *)
distrital
(. *)
doutor
(. *)
diretor
(. *)

Assim, as palavras oxítonas acabam por sofrer a inserção de um segmento na última sílaba, ou seja, esse processo é regular com a inserção da mesma vogal do último elemento à direita do constituinte e separa a sílaba pesada final (CVC) em duas sílabas leves (CV.CV), mantendo, desta forma, a unidade rítmica da mora, pois a sílaba pesada final, que corresponde a duas moras ($\mu\mu$), é simplesmente dividida em duas sílabas leves ($\mu.\mu$).

4 Considerações finais

Este artigo procurou analisar as influências das línguas nativas leste-timorenses, enfatizando o Tetun, na formação da variedade do português falado em Timor-Leste, o PTL. As influências apontadas no decorrer do trabalho focaram-se no nível fonético-fonológico, e foi utilizada a teoria da fonologia métrica para realizar a análise. Antes de ser realizado o estudo, porém, foi descrito o padrão acentual da língua Tetun para, em seguida, verificar como este influencia a língua portuguesa falada na ilha de Timor, principalmente em relação às peculiaridades formadas na variedade do português que é falado pelos cidadãos leste-timorenses.

O padrão acentual do Tetun, de acordo com a fonologia métrica, é organizado por constituintes binários com o núcleo, ou cabeça, à esquerda, tem a unidade lexical como domínio e o *pé não preso* é deletado (pé que não forma um constituinte binário). Ainda, o sistema tetumófono não é sensível ao peso sílabico, sendo classificado como *troqueu silábico*. As palavras tetumófonas polissílabas acabam por receber o acento secundário, que é aplicado seguindo a mesma regra. Desta maneira, surge uma variação linguística que tende a reduzir os polissílabos para trissílabos, acabando com o acento

secundário, ao aplicar a regra do *pé não preso* ser deletado. Esse conjunto de regras faz com que o acento em Tetun seja predominante na penúltima sílaba.

Em relação à língua portuguesa, o acento é predominante na penúltima sílaba também, porém há uma série de regras distintas, como, por exemplo, a diferença no padrão acentual dos não verbos e dos verbos, e exceções, princípios de extrametricidade e sensibilidade ao peso silábico, que difere bastante o sistema acentual do português, quando este é comparado ao Tetun.

A língua portuguesa em Timor-Leste possui um caráter de L2/LE, já que não é a língua materna de nenhum falante e é aprendida por eles somente em situações formais de ensino (escola, cursos, capacitação etc.). Desta maneira, de acordo com os dados apresentados do PTL, pode-se afirmar que a variedade falada na parte leste da ilha de Timor é uma variedade nacional do português, que se formou através do processo de transferência de certos padrões da L1, como o Tetun, para a língua portuguesa durante a aprendizagem. As evidências apresentadas no decorrer do artigo procuraram corroborar tal hipótese, analisando um caso específico: o padrão acentual do Tetun.

Assim, segundo a análise efetuada neste trabalho, o sistema acentual da língua Tetun, L1 de muitos cidadãos leste-timorenses, de acordo com a fonologia métrica, revela um comportamento que foi transferido para o padrão acentual do português. A variedade do português falada em Timor-Leste, o PTL, adaptou-se às influências do acento tetumófono, ocorrendo, desta forma, uma mudança no comportamento do sistema acentual dessa variedade do português, sendo este sistema acentual diferente do português padrão, o que serve como mais um argumento a favor da hipótese da existência do PTL como uma variedade da língua portuguesa.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Davi B. Peculiaridades prosódicas do português falado em Timor Leste. *ReVEL*, v.8, n.15, p.270-285, 2010.
- _____. O Português de Timor Leste: contribuição para o estudo de uma variedade emergente. *Papia*, v. 21, n.1, p.65-82, 2011a.
- _____. O elemento luso-timorense no português de Timor-Leste. *ReVEL*, v.9, n.17, p.226-243, 2011b.
- _____. *Esboço gramatical do Tetun Prasa: língua oficial de Timor-Leste*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2011c.
- AVRAM, Andrei A. An Overview of Reduplication and Compounding in Tetun Dili. *Revue Roumaine de Linguistique*, v.53, n.4, p.427-448, 2008.
- BISOL, Leda. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 22, p. 69-80, 1992.
- BOXER, Charles R. *The Topasses of Timor*. Amsterdam: Indisch Instituut, 1947.
- BRITO, Regina H. P.; CORTE-REAL, Benjamin A. Algumas especificidades fonético-fonológicas da variante do português timorense. *Actas do VIII Simpósio internacional de comunicación social*, v.1, p.147-151, 2002.
- CARVALHO, Maria José. Timor Lorosa'e, características das línguas crioulas e do português conservado na zona – contribuição para a língua oficial. *Studies of Language and Cultures of East Timor*, v.4, p.20-36, 2001.

(Versão inicial de capítulo a ser publicado em: MAGALHÃES, José S. (org.) *Linguística in Focus 10*. Fonologia. Uberlândia: EdUFU, 2014. p. 73-90).

_____. Aspectos lexicais do português usado em Timor Leste. *Studies of Language and Cultures of East Timor* v.5, p. 25-40, 2002/2003.

COLLINSCHONN, Gisela. O acento em português. In: BISOL, Leda (org.) *Introdução a estudos do português brasileiro*. 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.125-158.

ESPERANÇA, João Paulo T. *Estudos de Lingüística Timorese*. Aveiro: SUL, 2001.

GOLDSMITH, John A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

HAJEK, John. Language planning and the sociolinguistic environment of East Timor: colonial practices and changing language ecologies. *Current Issues in Language Planning*, v. 1, p. 400-413, 2000.

HALLE, Morris; VERGNAUD, Jean-Roger. Stress and the cycle. *Linguistic Inquiry*, n.18, p. 45-84, 1987.

HAYES, Bruce. *A Metrical Theory of Stress Rules*. Tese (Doutorado em Linguística), MIT, Massachusetts, 1980.

_____. Extrametricality and English stress. *Linguistic Inquiry*, n. 13, p. 227-276, 1982.

HULL, Geoffrey; ECCLES, Lance. *Tetum Reference Grammar*. Sydney/Dili: Sebastião Aparício da Silva Project/Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2001.

LEE, Seung-Hwa. A regra do acento em português: outra alternativa. *Letras de Hoje*, p. 37-42, 1994.

LIBERMAN, Mark. *The Intonational system of English*. Nova York: Garland Press, 1975.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, n.8, p. 249-336, 1977.

SÁ, Artur B. *Textos em teto da literatura oral timorese*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.

SILVA, Sebastião M. A. *Diccionario Português-Tétum*. Macau: Typographia do Seminário, 1889.

THOMAZ, Luiz F. *Babel Loro Sa'e: o problema lingüístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.

WILLIAMS-VAN KLINKEN, Catharina; HAJEK, John; NORDLINGER, Rachel. *Tetun Dili: A grammar of an East Timorese language*. Canberra: Pacific Linguistics, 2002.